

# EDITORIAL

## A PESQUISA NOS ESTUDOS LITERÁRIOS

Se por longo tempo a reflexão acerca dos Estudos Literários versou sobre a natureza da linguagem poética, os caracteres da ficção e as funções da literatura, e, adentrando a Teoria, os elementos estruturais da narrativa, só para retomarmos alguns dos princípios básicos que, em maior ou menor grau, constituíram a pesquisa nos Estudos Literários, nas últimas décadas – em alguns casos, há bem mais tempo –, a recorrência de alguns temas na esfera desses estudos indiciam algo cambiante em sua existência, quando não o seu desaparecimento. Qual leitor de alma já formada, seja o semiótico aventado por Eco, sejam os “graves” ou até mesmo os “frívolos”, em breve remissão ao galhofeiro Brás Cubas, qual destes já não correu os olhos pela avalanche de artigos e livros que preconizam uma eterna crise a anunciar o fim da literatura?

Nos anos de 1990, H. Bloom, estudioso da influência literária, ironicamente alertava sobre o idealismo presente nas faculdades e universidades, onde todos os padrões estéticos viam-se mitigados, quando não abandonados. Dono de uma mente sofisticada, Bloom saiu a campo em defesa dos Estudos Literários por conta própria, mas, consoante L. Perrone-Moisés, eminente crítica brasileira, sua “defesa em nada contribuiu [...]; pelo contrário, só reforçou os argumentos dos culturalistas” (2016, p. 74). Com Perrone-Moisés, aliás, não foi diferente: à sua obra *Mutações da literatura...* afirmou-se portadora de “uma visão elitista e conservadora da literatura”, cujo resultado não é outro que o de “reforçar o uso da literatura como ferramenta de exclusão” (DALCASTAGNÈ, s/d). Nesse mar revolto, em que, de um lado, face a uma argumentação que busca convencer a todos da existência de uma crise nos Estudos Literários, e, de outro, a ideia de que os Estudos Culturais seriam a tábua de salvação para os primeiros, Walter Moser já defendia *reposicionamentos* em que os Estudos Literários se abrissem “para ouvir o que os textos literários têm a dizer sobre as práticas culturais” e os Estudos Culturais, por sua vez, dialogassem “com os Estudos Literários de hoje e não com os de ontem” e renunciassem “à facilidade de reduzir todos os Estudos Literários a uma prática idealista”, interessando-se

“pelo que novos enfoques e leituras do texto literário têm a dizer de pertinente para os Estudos Culturais” (1983, p. 76).

Nessa perspectiva, no artigo “Crise das humanidades e as novas humanidades”, João Maria André (2015, p. 67) detém-se no sentido positivo da crise das humanidades, chamando a atenção para “algumas decisões que poderão ajudar a repensar e a renovar as próprias Humanidades”, focando-se nas “novas Humanidades”. Mais do que constatar a crise, como outros estudiosos das humanidades, André busca refletir sobre o que as mudanças nos trazem de desafios teóricos e reflexivos.

Nesse sentido, lembremo-nos de que às pessoas para quem o título do livro *After Theory* (2004) pudesse sugerir que a teoria tinha acabado, Terry Eagleton (2016) alertava: “não pode haver nenhum retorno a uma época em que era suficiente declarar que Keats era deleitável ou que Milton era um espírito resoluto [...]. Se teoria significa uma reflexão razoavelmente sistemática sobre as premissas que nos orientam, ela permanece tão indispensável quanto sempre”. Destacando que os teóricos do século anterior foram originais e que “ainda estamos lidando com o passado – e isso num mundo que mudou dramaticamente desde que Foucault e Lacan sentaram-se pela primeira vez diante de suas máquinas de escrever”, propõe a pergunta: “Que tipo de novo pensar é demandado pela nova era?” E tendo em vista as mudanças que a pandemia da Covid-19 nos impôs, somadas aos retrocessos em políticas públicas no Brasil, podemos acrescentar a pergunta: “Que tipo de pensar nos demanda a atualidade no campo dos Estudos Literários?”

À procura de respostas, a Revista *Jangada* buscou saber o que tem realizado professores e pesquisadores no âmbito da articulação da pesquisa e das práticas literárias em processo de abertura de novas perspectivas para os Estudos Literários de forma ampla, abrangendo a teoria, dispositivos poéticos, a performance, a conferência-performance, a história em quadrinhos, a arte contemporânea do livro, a crítica e inúmeras outras abordagens que contemplem a reflexão do objeto literário na encruzilhada de várias tradições. As contribuições reúnem uma série de textos cujos eixos temáticos versam, ainda que alguns indiretamente, sobre os estudos Literários e suas epistemes.

O artigo **O que está em jogo na comparação das literaturas?**, de José Luís Jobim, abre o dossiê reverberando questões levantadas no livro *Comparing the Literatures: Literary Studies in a Global Age*, que, dividido em capítulos baseados em algumas palavras-chave selecionadas, desenvolve núcleos temáticos relevantes, trazendo à baila autores, críticos e teóricos literários. Na sequência, com **Fernando Ferreira de Loanda: uma dívida impagável**, Alberto Pucheu

Neto, em tom autobiográfico e ensaístico traz à tona a sua relação intelectual com Fernando Ferreira de Loanda, poeta e editor tanto da revista quanto da editora Orfeu, que publicou uma parte significativa da geração de 45. Em **O ensaísmo de Macedo Soares: nuances e diálogos na imprensa acadêmica oitocentista**, Anna Giulia Cardoso Grossi e Natália Gonçalves de Souza Santos analisam ensaios de Antônio Joaquim de Macedo Soares, publicados entre os anos de 1857 e 1861, nos Ensaios *Literários Ateneu Paulistano* e no *Fórum Literário*, visando elucidar aspectos constitutivos do discurso crítico do autor que demonstrem um processo de mudança nas suas posições assumidas. Ana Maria Zanoni da Silva e Renata Philippov, em **Poe e Bulwer-Lytton: uma análise de Zanoni à luz da concepção estética de Poe**, debruçam-se sobre *Zanoni*, romance de autoria do escritor inglês Edward Bulwer-Lytton, à luz dos pressupostos teóricos de Edgar Allan Poe, associados à acurada análise feita pelo escritor norte-americano na resenha homônima ao romance. Por sua vez, Romildo Biar Monteiro e Francisca Yoranna da Silva, em **Estando em perigo, para onde vai a Literatura?**, discutem as relações estabelecidas entre a arte literária e a sociedade. Para tanto, propõem-se a compreender o que é a literatura, o seu caráter humanizador e, por fim, a sua inserção nos ambientes de ensino. Em **A recepção crítica de Emma, de Jane Austen, em três momentos**, Ernesto Dias e Souza e Nícia Helena de Almeida Nogueira refletem sobre a recepção crítica do romance *Emma*, de Jane Austen, da recepção da obra à época de seu lançamento à análise dos principais textos originários da segunda metade do século XX em diante, pontuando os empecilhos e as problematizações sofridos pela autora. Por fim, o dossiê se encerra com **Sobre héroes y tumbas**, contribuição de Margarete J. V. C. Hülsendeger, no qual analisa como as personagens foram construídas por Ernesto Sabato na obra *Sobre héroes y tumbas*, apontando as estratégias e os pontos de contato entre suas concepções sobre o universo literário e científico.

A seção *Varia* se inicia com a contribuição de Antônio Soares da Silva Júnior, **Cordel e a transposição de mídia na cultura nordestina**, na qual o autor reflete sobre como o cordel se adaptou e começou a ser construído pelos cordelistas na/pela internet, utilizando as mesmas características do repente e a estrutura/formato da poesia. Na sequência, em **A política do sensível no “Caderno B” do Jornal do Brasil: o caso de “O Milagre das folhas”, de Clarice Lispector**, Fabrício Lemos da Costa propõe uma reflexão da crônica “O Milagre das folhas”, de Clarice Lispector, publicada em 04 de janeiro de 1969 no *Jornal do Brasil*, por considerar tratar-se de uma escritura profundamente relacionada ao projeto artístico da autora, em que os vegetais são mola propulsora de pensamentos políticos mais amplos. Em **Crítica literária feminista: um projeto em contínua expansão**, Dileane Fagundes de Oliveira e Anselmo Peres Alós voltam-se para a equação mulher e literatura, considerando-a tema complexo ainda

passível de problematização, já que a pluridimensionalidade da relação acomoda várias possibilidades de interpretação. André Luiz Ribeiro Costa, por sua vez, em **A experiência e a experiência histórica em *Os diários de Emilio Renzi***, detém-se em aspectos dos dois primeiros volumes de *Os diários de Emilio Renzi*, obra publicada pelo escritor argentino Ricardo Piglia nos últimos anos de sua vida e que reúne, além de registros cronológicos dos diários que escreveu a partir de 1957, ensaios, contos e textos críticos organizados no que se tem chamado de processo de colagem ficcional. Encerrando a seção *Varia*, Zadig Gama, em **A trajetória dos irmãos Goncourt no campo literário francês**, reconstitui a trajetória dos irmãos Edmond e Jules de Goncourt, compreendendo os anos de preparação de suas primeiras obras, sua efetiva entrada no campo literário francês e a produção de Edmond sem a colaboração de seu irmão, morto em 1870.

Por fim, encerramos o número com a estreia de uma nova seção, a de *Arguições*, que esperamos, seja fértil. Por ora, apresentamos a leitura do Professor Titular da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, João Adolfo Hansen, para a qualificação da tese de doutorado da hoje Profa. Dra. Joelma Santana Siqueira, intitulada **À procura de objetos gritantes: um estudo da representação na narrativa de Clarice Lispector**, que resultaria na obra intitulada *Figurar a sensação: o espaço na pintura moderna e na narrativa de Clarice Lispector* (2017).

Para concluir, em uma época de especialização do conhecimento, em que a literatura, acantonada, debate-se entre categorias marcadas por virtudes e fraquezas coletivas, ou prova algo da incomunicabilidade social, da fragmentação e do solipsismo presentes em códigos e particularismos, os textos aqui apresentados chamam a atenção para o fato de que os Estudos Literários evocam denominadores comuns da experiência humana materializados no substrato literário, o texto, com o qual todos podem dialogar, independentemente de suas crenças e desígnios.

Desejamos a todos uma proveitosa e agradável leitura.

## REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, João Maria. “Crise das humanidades e as novas humanidades”. In: *Biblos*. n. 1, 2015.
- BLOOM, Harold. *O Cânone ocidental: os livros e a Escola do tempo*. Tradução: Mario Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.
- DALCASTAGNÈ, Regina. Sobre uma crítica que ignora o real. In: *Suplemento Pernambuco*. <<http://www.suplementopernambuco.com.br/edi%C3%A7%C3%B5es->

anteriores/72-resenha/1825-literatura-mutante,-cr%C3%ADtica-im%C3%B3vel.htm. Acesso em 23 ago 2017.

EAGLETON, Terry. *Depois da teoria: um olhar sobre os estudos culturais e o pós-modernismo*. Trad. Maria Lúcia Oliveira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

MOSER, Walter. (1998). Estudos literários, Estudos Culturais: reposicionamentos. In: *Literatura e Sociedade*, 3 (3), p. 62-76. <https://doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i3p62-76>

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Mutações da literatura no século XXI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

Dirceu Magri – UFV  
Joelma Santana Siqueira - UFV  
Leonardo Tonus - Paris-Sorbonne – Paris IV  
Editores deste número